

## ***A rapariga que roubava livros de Markus zusak***

1. Liesel foi entregue a uma família de acolhimento durante a  
**(A) segunda guerra mundial.**  
(B) primeira guerra mundial.
2. A casa da família adotiva situava-se  
**(A) na rua Himmel, que significa céu.**  
(B) na rua Himmel, que significa guerra.
3. O primeiro livro que roubou tinha  
**(A) letras pretas e chamava-se *O Manual do Coveiro*.**  
(B) letras douradas e chamava-se *O Manual da BDM*.
4. A rapariga encontrou o livro  
**(A) esquecido na neve por um dos rapazes que enterra seu irmão.**  
(B) em casa da família adotiva.
5. O roubo do primeiro livro e do segundo aconteceu  
(A) em simultâneo.  
**(B) em momentos diferentes.**
6. O primeiro livro e o segundo foram roubados  
(A) do fogo e da neve, respetivamente.  
**(B) da neve e do fogo, respetivamente.**
7. Os catorze livros que possuía  
(A) foram todos roubados.  
**(B) alguns foram roubados.**
8. O seu primeiro livro e o segundo foram roubados em  
**(A) janeiro e abril, respetivamente.**

- (B) abril e janeiro, respetivamente.
9. A primeira aproximação da rapariga com o seu pai adotivo deu-se
- A) quando aprendeu a enrolar cigarros.**  
B) quando aprendeu a ler.
10. A rapariga aprendeu a ler
- (A) com o seu pai adotivo, o doce Max.**  
(B) com a sua mãe adotiva.
11. Quando começou a frequentar a escola, Liesel ficou com as crianças que
- (A) começavam a prender o alfabeto.**  
(B) já sabiam ler.
12. Um mês após o início das aulas, Liesel foi transferida para o nível
- (A) porque aprendera a ler.  
**(B) para não distrair a classe mais jovem.**
13. NA sua primeira avaliação de leitura, Liesel repetiu frases do *Manual do Coveiro*, pois ainda não sabia ler e, por isso,
- (A) **foi gozada** por um dos colegas e castigada pela Irmã que lhe deu uma valente sova.  
(B) foi gozada por um dos colegas e castigada pela mãe que lhe deu uma valente sova.
14. O primeiro presente dado pelos pais adotivo foi
- (A) uma boneca completa.  
**(B) uma boneca incompleta.**
15. Pelo Natal, Liesel recebeu dois livros
- (A) que o seu pai adotivo obtivera em troca de cigarros.**  
(B) que o seu pai adotivo comprara na loja.
16. No seu décimo aniversário, Liesel recebeu um livro que se chamava

**(A) Os Homens de Lama.**

(B) *O Homem debruçado*.

17. Certo dia, Liesel foi alistada

**(A) na BDM ( grupo de raparigas alemãs).**

(B) Na BDM ( grupo das raparigas que não sabiam ler),

18. Nos livros, Liesel conseguiu encontrar um propósito de vida:

**(A) a busca pelo conhecimento, e um alento para os dias tão difíceis da guerra.**

(B) um alento para os dias tão difíceis da guerra.

19. Liesel tinha um amigo inseparável,

**(A) Rudy Steiner, com quem jogava futebol, que a ajudava a suportar a escola, além de ajudá-la a roubar livros da biblioteca da mulher do prefeito.**

(B) Hans Steiner, com quem jogava futebol, que a ajudava a suportar a escola, além de ajudá-la a roubar livros da biblioteca da mulher do prefeito.

20. Outra pessoa importante na vida de Liesel foi

**(A) Max Vanderburg, um judeu que a família Hubermann acolheu e escondeu durante alguns meses na cave de sua casa.**

(B) Max Vanderburg, um judeu que a família Hubermann recusou guardar.

21. Max Vanderburg escreveu treze páginas às quais deu o título de *O Homem debruçado* e que falavam

**(A) dos seus sonhos maus e da amizade que estabelecera com Liesel.**

(B) dos seus momentos felizes e da amizade que estabelecera com Liesel.

22. Para agradecer a Max a oferta do livro *O Homem debruçado*, Liesel dirigiu-se à cave onde, mais tarde,

**(A) ambos, alemã e judeu, dormiam” mão contra ombro”.**

(B) ambos dormiam” mão contra ombro”.

23. A narradora desta história foi

(A) a rapariga.

**(B) a Morte.**

24. Ao longo da sua vida a rapariga será perseguida pela Morte que

(A) cedo a “levará”.

**(B) só a “levará” em idade avançada, tendo construído família e vivido uma boa vida pós-guerra.**

25. Serão os livros que,

**(A) por três vezes, salvarão a rapariga da morte.**

(B) por duas vezes, salvarão a rapariga da morte.

Este livro conta a história de Liesel Meminger, passada entre 1939 e 1943, cuja mãe a entregou aos cuidados do casal Hans e Rosa Hubermann. Durante a Segunda Guerra, a Alemanha dava um auxílio às famílias que “adotassem” crianças alemãs pobres. Liesel viu o seu irmãozinho morrer nos braços da mãe durante a viagem, e roubou o seu primeiro livro – “O Manual do Coveiro” – esquecido na neve por um dos rapazes que enterrara seu irmão. Nos livros, Liesel conseguiu encontrar um propósito de vida: a busca pelo conhecimento, e um alento para os dias tão difíceis da guerra. Ela foi incentivada e ajudada por seu pai adotivo, o doce Max, na descoberta literária, no entanto a mãe adotiva, Rosa, era uma pessoa rabugenta e impaciente, mas que – apesar das sovas constantes que lhe dava, não tinha má índole e, ao final, acaba até suavizando a sua personalidade.

Liesel tinha um amigo inseparável na infância, Rudy Steiner, com quem jogava futebol, suportava a escola e sofria junto os dissabores da guerra, além de ajudá-la a roubar livros da biblioteca da mulher do prefeito, de quem se tornou amiga mais tarde e passou a desfrutar dos livros, com sua permissão. Outra pessoa importante na vida de Liesel foi Max Vanderburg, um judeu que a família Hubermann acolheu e escondeu durante alguns meses na cave de sua casa, e por quem Liesel nutriu grande carinho.

O aspeto mais interessante do livro é que toda a infância de Liesel é contada pela Morte, cujos comentários sobre a quantidade de trabalho e a inutilidade geradas pela Guerra são tocantes, a morte que levou os seus pais e o seu amigo Rudy . No final, a Morte só vai encontrar Liesel já em idade avançada, tendo construído família e vivido uma boa vida pós-guerra.

O autor abordou um tema tão triste de uma maneira muito suave e poética. Mostra que as horas passadas com um livro são capazes de trazer alívio a uma alma sedenta de conhecimento e de paz, além de ajudá-la a crescer. Ao entrar na nova casa trazia consigo, escondido na mala, um livro, *O Manual do Coveiro* que apanhara da neve no funeral do irmão, quando o rapaz que o enterrava o deixou cair sem dar por isso. Esse foi o primeiro dos muitos livros que roubou nos quatro anos seguintes. Eram esses livros que traziam ânimo e alento à sua vida naquela época terrível. O gosto que sentia em roubá-los valeu-lhe uma alcunha e uma ocupação e as palavras que neles encontrou seriam, mais tarde, aplicadas na sua própria vida, sempre acompanhada pelo amável Hans e pelo amigo quase invisível, Max Vanderburg, o

judeu da cave a quem prometera jamais abandonar. Com Max Liesel desenvolve uma relação de amizade muito forte, mas depois de um longo período ele teve que sair do

seu esconderijo, porque os nazistas faziam uma vistoria nas casas. Reencontrou Max no final da guerra. O segundo livro, Liesel roubou-o, numa fogueira na qual queimaram livros e artigos considerados contra o sistema. Certo dia a mulher do prefeito, Ilsa, dispensou os serviços da mãe adotiva de Liesel, querendo compensá-la ao dar-lhe um livro de presente. Inicialmente ela aceitou-o, mas depois devolveu-o dizendo que não precisava de suas esmolas. Alguns dias depois retornou acompanhada de Rudy, entrou furtivamente pela janela e roubou-o. Assim, sempre que ela se sentia angustiada com as situações difíceis do dia a dia ela voltava à biblioteca e levava outro livro, embora a Sra. Ilsa sempre soubesse. Os ataques da guerra começaram também a atingir a Rua Himmel, onde Liesel e Rudy moravam. Sempre que eram alertados todos os moradores se dirigiam a um abrigo subterrâneo, onde o medo tomava conta de crianças e adultos. Liesel começou a ler em voz alta para todos, despertando nela a paixão pelos livros e pelas palavras. Foi exatamente isso que lhe salvou a vida. Numa noite em que houve um ataque sem aviso prévio a rua foi completamente destruída. Os seus pais, seus vizinhos e seu amado, mas nunca confessado Rudy, morreram dormindo, enquanto ela escrevia na cave esta história. Quando os bombeiros chegaram encontraram uma menina de catorze anos viva entre os escombros. A Morte que recolhia as almas por ali ficou surpresa. Ela viu a menina agarrada ao seu livro, que caiu de suas mãos ao perceber que todas as pessoas que amava estavam mortas. A Morte sorratamente agarrou aquele exemplar, pois havia se distraído, mais uma vez. Este livro, a Morte mostrou-o a Liesel, muito anos mais tarde quando a foi buscar junto a seu marido, seus filhos e netos em Sidney, na Austrália. Liesel ficou surpresa ao ver o seu livro tantos anos depois e enquanto acompanhava a Morte tranquilamente, ouviu ainda o seu comentário, “Os seres humanos assombram-me”.

A poesia que perpassa em *A Rapariga que Roubava Livros* emociona o leitor sem ser piegas, desperta nele tanto alegria como tristeza, tanto revolta, quanto um certo conforto moral. Há muito tempo o escritor pensava em escrever sobre um personagem que furtava livros, mas sua ideia ainda não estava amadurecida. Quando pensou em unir este desejo ao de retratar o que seus pais haviam experimentado na época do Nazismo, nasceu este livro inesquecível.

Markus destaca neste romance a importância das palavras em um dos momentos mais dolorosos já vividos pela Humanidade.

Realmente, ao lado da protagonista, Liesel Meminger, e de seu companheiro de aventuras Rudy Steiner, brilham as palavras, personagens especiais deste enredo, sempre no centro da ação, nas entrelinhas ou na tessitura da narrativa. Palavras que constroem e destroem, que Liesel ama e odeia. As cores também se sobressaem nesta história que se passa na época do [Nazismo](#), em plena Alemanha hitleriana, narrada por ninguém menos que a Morte, sob o ponto de vista desta e com os seus comentários geniais intercalados à narrativa. Aliás, esta narradora tem um jeito bem peculiar de interpretar as lembranças de Liesel, gravadas em seu diário – na verdade um livro, no qual a menina se reconcilia com as palavras e grava a essência de sua existência -, perdido durante a Guerra e resgatado pela Morte, que o traduz ao leitor.

Para a narradora, não importa saber o que vai ocorrer no final do romance, o mistério suspenso, mas sim o trajeto narrativo e toda a riqueza a ele inerente – os recursos estilísticos, a prosa poética, a magia oculta nas entrelinhas, a emoção e o humor inusitado que se revelam aqui e ali, as surpresas linguísticas, as tiradas narrativas, muitas vezes irônicas, doadas ao leitor pelo autor, através de sua narradora. Desta forma, o escritor questiona a narrativa tradicional, os mecanismos estratégicos que geram e mantêm o [suspense](#), até a solução final do enigma, os quais condicionam a história à resolução deste, desprezando muitas vezes o valor da narração, as riquezas que dela podem ser extraídas. O autor propõe aqui uma valorização do percurso, dos recursos narrativos, da apropriação da linguagem como o próprio núcleo do enredo.

Nesta obra, o autor, através da Morte, tenta provar a si mesmo e ao leitor que a vida, apesar de tudo, vale a pena. Reflexões inusitadas, de pura ironia lírica, conquistam os que leem este romance, desde as primeiras linhas, quando se percebe claramente quem é a contadora desta e de outras histórias, e qual é o seu estilo. Mesmo assim, pode-se dizer que cada etapa da leitura nos surpreende e encanta, até quando acreditamos que o autor já esgotou toda a sua capacidade criativa. Passagens como “As labaredas cor de laranja acenavam para a multidão, à medida que papel e tinta se dissolviam dentro delas. Palavras em chamas eram arrancadas de suas frases”, referentes a uma fogueira de livros proibidos, dão espaço a outras ainda mais

poéticas e irônicas. Elas sucedem-se na tentativa de transmitir ao leitor o clima perturbador que pairava sobre a Alemanha Nazi.

Os caminhos da Morte e de Liesel Meminger cruzam –se três vezes entre 1939 e 1943. Mas Liesel é uma sobrevivente, o que impressiona a ceifadora de vidas. Assim esta, fascinada pela garota, decide narrar a sua história, ao apropriar-se involuntariamente de seu diário. Esta narrativa é apenas uma entre as que a Morte poderia contar, escolhida no acervo de experiências que ela transporta em si, tentando compreender a natureza humana e a importância de sua existência. Liesel também está em busca do sentido de tudo que vive, em meio à miséria, à morte e à destruição. Nesta cruzada pela compreensão da essência da vida, a garota é guiada pelas palavras, que coincidentemente ou não a perseguem desde sua primeira perda, a do irmãozinho que ela vê morrer a seu lado, em um trem no qual é levada para uma nova vida, não necessariamente desejada por ela. Neste momento, ela se encontra diante da primeira oportunidade de furtar um livro, e é justamente a companhia das histórias que dão à menina, no centro da destruição provocada pela guerra - que oferece à Morte um trabalho redobrado -, um eixo de sustentação e um certo sentido para sua existência.

Todos um dia terão um encontro marcado com a narradora desse livro, mas apenas Liesel Meminger tem o privilégio de ter sua história narrada por ela. Mas também não é qualquer um que sobrevive a uma guerra como esta, vendo tudo e todos desabarem à sua volta, não é qualquer uma que amadurece e permanece viva ao encontrar um propósito maior para sua vida, justamente nas páginas de um livro, ou posteriormente, de um diário. Sim, parece que a Morte, ao contrário de todos os prognósticos, tem coração, e o revela ao escolher a trajetória de Liesel para transmitir ao leitor. Aliás, há muitas passagens em que esta narradora revela o seu lirismo, a sua ternura, os seus cuidados com almas exaustas e envenenadas pela dor e pela crueldade da Guerra, até mesmo sua indignação e revolta com os extremos da desumanidade que atingem os requintes nazistas. Nestes momentos, a Morte, que é uma ótima observadora, percebe reflexos desta ideologia bárbara na própria Natureza, ora na “fuga das próprias nuvens”, ora nos contornos loiros do Sol ou no imenso e assustador “olho azul do ar” que não se consegue mais respirar.

Outras histórias dentro da história aparecem ao longo do enredo – as dos livros roubados pela Menina, as dos que ela ganha nos seus aniversários, desde as



narrativas inerentes às obras até as que envolvem o seu furto ou a forma como foram presenteados - cigarros trocados por livros, ou histórias escritas e pintadas em um livro como o “Mein Kampf” (“Minha Luta”), de Adolph Hitler.

Cada uma destas estórias é um retrato a seu modo da Alemanha Nazista, e enriquece ainda mais a narrativa principal. Cores, desenhos, palavras, livros, aventuras vividas por Liesel e Rudy, amizades construídas sobre a dor, a miséria, a luta pela sobrevivência, como a da garota e seu pai adotivo, Hans, e a da menina com Max, um judeu que cruza sua vida e a marca definitivamente. Desta forma o autor vai tecendo o panorama desta época sombria, compondo seus contornos cada vez mais macabros, mas também permeados por aventuras infantis e sentimentos nobres.